

**Faculdades Integradas IPEP  
Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos  
Programa de Educação Policial Continuado**

**Artur Moura de Oliveira**

**Cães de guarda: a idade adequada para início do trabalho de  
proteção**

**Cotia/SP  
2021**

**Artur Moura de Oliveira**

**Cães de guarda: a idade adequada para início do trabalho de  
proteção**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos – CESDH como requisito para formação no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Cinotecnia Policial – Projeto K9.

Coordenador do curso: Prof. Doutor Eduardo Cava Leanza

**Cotia/SP  
2021**

**Artur Moura de Oliveira**

**Cães de guarda: a idade adequada para início do trabalho de proteção**

Data da Aprovação: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Nota final: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Professor Doutor Eduardo Cava Leanza  
Coordenador do Curso  
Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa

---

Professor Especialista Tiago Cabral Rodrigues  
Professor Orientador  
Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa

---

Médico Veterinário / Treinador Max Macedo  
Orientador técnico convidado

## RESUMO

A finalidade deste trabalho é demonstrar a importância da análise dos momentos adequados para cada fase do treinamento destinado a preparação de cães de guarda. Toda a formação do ser canino do ponto de vista fisiológico, mental e técnico será analisada de forma a delimitar o lapso mais adequado para cada fase. As principais raças utilizadas como cão de guarda serão analisadas, assim como os impulsos solicitados para o indivíduo, para que tenhamos bons cães guardiões. O treinamento será esquematizado em duas grandes etapas, incluindo formação de mordida e potenciação de determinados impulsos e em segundo momento a liberação do impulso de agressão, quando a situação muda de mera brincadeira para a real proteção do condutor. Por fim, a importância do trabalho do figurante será enfatizada na formação de cães de guarda, bem como a retirada da dependência de equipamentos de mordida, evitando com isso a formação do conhecido cão “mangueiro”.

**Palavras-chave:** Cães de guarda, Formação de proteção, Idade.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to demonstrate the importance of analyzing the appropriate moments for each phase of training aimed at preparing protection dogs. The entire formation of the canine being from a physiological, mental and technical point of view will be analyzed in order to delimit the most appropriate lapse for each phase. The main breeds used as protection dogs will be analyzed, as well as the impulses requested by the individual so that we have good guard dogs. The training will be structured in two major stages, including bite formation and potentiation of certain impulses and, secondly, the release of the aggression impulse, when the situation changes from a mere joke to the real protection of the driver. Finally, the importance of the helper will be emphasized in the training of guard dogs, as well as the removal of the dependence on biting equipment with the avoidance of the well-known "hose" dog.

Keywords: Guard dogs, Protection training, Dog age.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	04
2. PRINCIPAIS RAÇAS UTILIZADAS COMO CÃO DE GUARDA/POLICIAL .....	04
2.1. PASTOR ALEMÃO .....	04
2.2. ROTTWEILER .....	05
2.3. PASTOR BELGA .....	06
2.4. PASTOR HOLANDES .....	06
3. SELEÇÃO E CRIAÇÃO DE FILHOTES .....	07
4. FASES DO DESENVOLVIMENTO CANINO .....	10
4.1. DESENVOLVIMENTO MENTAL COMPLETO .....	12
5. AMBIENTAÇÃO E HABITUAÇÃO .....	14
6. IMPULSOS ENVOLVIDOS .....	15
6.1 IMPULSO DE CAÇA .....	15
6.2 IMPULSO DE DEFESA .....	16
6.3 IMPULSO DE AGRESSÃO .....	16
6.4 IMPULSO DE LUTA .....	17
7. BASES PARA O TRABALHO DE MORDIDA .....	18
8. O FIGURANTE .....	19
9. PROTEÇÃO PROPRIAMENTE DITA: AGRESSÃO .....	20
10. CÃO MANGUEIRO .....	23
CONCLUSÃO .....	24
REFERÊNCIAS .....	25

## **1. INTRODUÇÃO**

A utilização de cães pelo homem como ferramenta de combate tem seus primeiros registros datados de 4000 a.C por povos antigos como egípcios, persas, gregos e romanos. Ao longo dos séculos, houve uma evolução no conhecimento dos cães, de como funciona seu aprendizado e de suas reais capacidades, possibilitando com isso, um melhor aproveitamento destes animais em tarefas especializadas no mundo atual. Atualmente, uma das principais funções do cão é o exercício da guarda de propriedades e proteção do condutor e sua família. Considerando que o aprendizado canino permanece em estudo até os dias atuais, alguns aspectos devem ser conhecidos para que se tenha um cão efetivo na proteção, desprendido de medos e insegurança e com impulsos equilibrados e firmes.

## **2. PRINCIPAIS RAÇAS UTILIZADAS COMO CÃO DE GUARDA/POLICIAL**

### **2.1 PASTOR ALEMÃO**

Antes da I Guerra Mundial, por volta de 1884, o Exército alemão já treinava cães de Guerra na sua primeira escola militar K9, que foi construída perto de Berlim, local onde mais tarde foi escrito o primeiro manual de treinamento canino, estabelecendo dentre outras coisas o planejamento científico de criação, treinamento e utilização de cães militares para a guerra. Paralelo a isso, entre 1899 e 1914, o cão pastor-alemão foi desenvolvido pelo Capitão Max Von Stephanitz, do Exército alemão, tendo sido geneticamente aprimorados os traços de inteligência, lealdade, dedicação e tenacidade necessários para aplicações militares. Quando a guerra se iniciou, o cão do Capitão Stephanitz se destacou nas mais variadas tarefas, como cão de suporte médico, levando medicamentos para feridos ou tracionando-os de volta para as trincheiras aliadas, cães mensageiros, e ainda cães de patrulha, identificando e alertando para a presença do inimigo.

O pastor alemão é tido como um cão robusto, fiel, seguro, equilibrado e inteligente. Tem como característica ser bastante alerta e não recua

mediante ao perigo mesmo sob forte ameaça, características que lhe favorecem para o trabalho de guarda e proteção. Apesar da origem comum, atualmente a raça vem se dividindo em duas linhas distintas, a saber, linhagem de estrutura (exposição de beleza) e linhagem de trabalho (eficiência que se espera de um cão pastor alemão no desempenho de funções). Conforme leciona o professor Médico Veterinário e criador Max Macedo:

“O padrão da raça Pastor Alemão reza que, antes de tudo, ele seja uma raça de trabalho, e que seus reprodutores sejam testados em trabalho, mas, não é o que os criadores em geral fazem, pois, apenas escolhem os reprodutores pelo gosto estético que tem sobre eles, isso acarreta em poucas gerações a perda da capacidade de trabalho, do temperamento estável e equilibrado, e, um aumento da incidência de problemas de saúde de origem genética, como as displasias de quadris e cotovelos e os problemas de coluna.” (MACEDO, 2015)

## **2.2 ROTTWEILER**

O rottweiler é um cão molosso, desenvolvido na Alemanha na região de Rottweil para o trabalho com gados e logo tornou-se um eficiente cão de guarda, cão pastor e, por sua robustez, também destaca-se na função de cão de tração. É uma raça considerada inteligente, ativa e devotada. Possui certa autonomia e coragem para lidar com ameaças. Fisicamente é um animal forte, de pelagem preta e curta, com marcações em castanho; De estrutura compacta, possui robustez que transparece força e resistência.

Na Europa, os principais clubes que registram a raça testam seus aspectos morfológicos e avaliação de caráter e temperamento. Apenas os cães aprovados recebem certificado que permite a reprodução, controlando, dessa forma, a qualidade dos representantes da raça e extinguindo os considerados inadequados, perpetuando suas boas qualidades, tanto físicas quanto psicológicas, para que seus exemplares permaneçam sempre aptos para executar a atual principal função da raça: guarda e proteção. Os machos costumam apresentar um temperamento dominante, desta forma, são indicados para donos experientes e firmes, requerendo socialização e adestramento. Além disso, o Rottweiler é um cão bastante territorial e desconfiado com estranhos, tendo, portanto, ótima aptidão para a guarda.



## **2.3 PASTOR BELGA**

Descendente de cães de rebanhos da Europa Central no século XIII, o pastor belga é uma raça com quatro variedades de pelo. As primeiras seleções para aperfeiçoamento da raça ocorreram nos ides de 1885, tendo o zootecnista A. Reul estabelecido os fundamentos de identificação oficial da raça no ano de 1984, distinguindo-se a partir daí as quatro variações. O Pastor Belga Malinois, oriundo da região de Malines na Bélgica, é o mais comum no mundo todo e se caracteriza por possuir pelo curto. Em 1898 a variedade de pelo longo e preto foi batizada de Groenandael, nome do castelo onde morava sua principal criadora. Já no castelo de Laeken foi desenvolvida a variedade de pelo curto e duro, sendo batizado de Laekenois. Por fim, na aldeia de Tervueren um cervejeiro selecionou a variedade de pelo longo e fulvo, recebendo o nome da mencionada aldeia.

O temperamento do pastor belga se define como um cão super ativo, impulsivo e sensível. Altamente vivaz nas respostas a estímulos, necessitam de exercícios e harmonia para permanecer um cão saudável. É um cão dedicado ao dono/condutor, mas por vezes pode demonstrar agressividade com estranhos. A raça possui a característica de ser educado com suavidade, sem perder a firmeza e paciência, sendo fácil a imposição de traumas se mal manuseado.

A variação Malinois é amplamente utilizada em forças policiais e militares em todo o mundo, em virtude de ter o temperamento mais forte e da baixa necessidade de cuidados com pelo, além de ser altamente adestrável.

## **2.4 PASTOR HOLANDÊS**

A origem no século XIX no sul da Holanda, o pastor holandês surgiu do cruzamento entre o Pastor Belga Malinois e cães pastores nacionais. Considerado uma raça que buscou um melhoramento do Malinois, apresenta temperamento ativo, resistente, equilibrado e rústico. Costuma ser um cão dócil e muito próximo dos donos e/ou condutores, sem perder a firmeza com desconhecidos. Muito apreciado nas forças policiais e militares, o pastor holandês

vem ganhando espaço ao redor do mundo como uma raça que alia a vontade de trabalho do Malinois com o equilíbrio e robustez do Pastor Alemão.

Outras raças são também utilizadas na atividade de guarda residencial e pessoal como Dogo Argentino, que possui intensa força física e agressividade, igualmente o Dogo Canário, ainda o Fila Brasileiro, o Dobermann Pinscher, dentre outros. Todavia, considerando a utilização mais comum das raças detalhadas nesta pesquisa nas forças policiais e militares pelo mundo, optou-se apenas pela menção das demais raças.

### **3. SELEÇÃO E CRIAÇÃO DE FILHOTES**

A criação de um cão destinado à guarda particular ou de atividade policial de guarda e proteção deve ser precedida de séria investigação da árvore genealógica do filhote, com vistas para conhecer os fatores genéticos dos antecessores com grande chance de serem repassados ao filhote. Aspectos de saúde física, resistência a doenças, estrutura óssea e articular perfeitas são observações básicas antes mesmo de qualquer avaliação do filhote.

“Os cães são dotados de um patrimônio genético, somado a uma ampla e flexível gama de atributos físicos, que por gerações, ao longo dos séculos, foi alvo de seleção por criadores, conforme requisitos de um fim específico, como a caça, proteção, etc”. (ENGEL, 2018)

Vencida esta fase, o avaliador deverá analisar fatores de desempenho no filhote, que provavelmente o acompanhará nas demais fases da vida. Convém salientar que não é possível prever as características finais de um cão unicamente observando ou realizando testes em sua fase infantil/juvenil, tendo em vista que muitas características repassadas geneticamente podem vir a se manifestar tardiamente. Isso vale tanto para fatores positivos, como negativos. Determinado impulso que parece elevado em um filhote de sessenta dias de vida pode vir a decair após um ano e meio, ou precisará ser constantemente estimulado/potenciado para se manter médio, dificultando o trabalho. Em

contrapartida, um filhote que não apresenta determinada característica quando jovem, pode vir a desenvolver o que estava implícito em sua genética.

Desta forma, conhecer o perfil genético dos antecessores do filhote, buscando as características desejáveis para cada função é a tarefa mais recomendada. Considerando que o proprietário/conductor do cão não tem sua própria criação e na maioria das vezes adquire o cão de terceiros, é importante o contato com criadores sérios, especializados na raça pretendida e dotados de vasto conhecimento de seleção de cães para função, não somente para beleza física, modismos ou exposição de estrutura. Tais profissionais, certamente saberão indicar um filhote oriundo de uma ninhada com as características pretendidas de forma a facilitar e extrair o máximo do cão ao longo da sua trajetória.

Todavia, quando se trata de aquisições para órgãos públicos, como polícias e forças armadas, nem sempre é possível escolher um fornecedor, ficando a aquisição de cães muitas vezes condicionada a um procedimento licitatório, no qual vencerá o licitante que ofertar o objeto da licitação pelo menor preço, via de regra. Outras vezes, não raras, as aquisições são feitas mediante doação de filhotes. Nestes casos, o especialista cinotécnico tentará prever com base em observações as características finais de um cão, considerando aspectos comportamentais e os impulsos exigidos para a função a que se destina.

Nenhum filhote deve ser avaliado antes de 60 dias de vida, tendo em vista que ele ainda está em fase de formação psicológica e este fato fatalmente induzirá o avaliador a erro. Os testes devem ser conduzidos preferencialmente de forma individual e em ambiente diverso de onde viveu o filhote até então.

Para um cão de guarda e proteção, devem-se buscar aspectos relacionados à segurança e confiança, curiosidade e atração social. Desta forma, o filhote fora do seu ambiente conhecido e longe dos irmãos e mãe deve manter-se interessado no avaliador, seguindo-o quando convocado e em investigar coisas no ambiente. A cauda denunciará se o filhote está inseguro ou confiante e é importante saber fazer tal leitura. Diferentes pisos devem ser apresentados ao filhote a fim de

observar como ele lida com o desafio: se enfrenta ou recua. Cães inseguros tendem a ser instáveis no futuro, vindo a ser um problema para proprietários ou cinotécnicos.

Outro fator a se observar é a dominância ou submissão. Testes conhecidos escritos por Campbell e Volhard avaliam se o filhote se mostra com alta dominância ou com excessiva submissão. O avaliador deve buscar sempre o equilíbrio, salvo se, dotado de vasta experiência no treinamento de cães, estiver conscientemente buscando um cão com alta dominância e temperamento forte.

“Testes comportamentais têm sido utilizados desde a década de 1950 para a seleção de cães para o serviço militar e policial. Devido a grande importância dos cães de trabalho para a sociedade, os programas encarregados da criação e da seleção de cães para tal finalidade têm mostrado interesse crescente em identificar precocemente os fatores que podem prever o sucesso de um cão adulto em atividades militares e policiais.” (SOARES, 2015).

O impulso de caça ou *hunting* é um fator que deverá estar presente em um filhote destinado ao trabalho de guarda e proteção, tendo em vista que toda a base do treinamento de mordida será estimulada desta forma, com isso, facilitando o aprendizado e interesse na função. O interesse por comida, também conhecido como *food drive*, será importante no treinamento de obediência, sendo um requisito básico para um bom cão de proteção, afinal, um cão de guarda e proteção, antes de tudo precisa ser obediente e leal ao seu condutor. Convém salientar novamente que tais impulsos podem não se apresentar na fase da infância, vindo a se apresentar na fase adulta, desta forma, apenas com base na ausência de observação em testes de filhotes não é muito acertado o descarte de um candidato.

A boa aceitação a ruídos, ambientes, desafios é primordial para um cão de trabalho, portanto, o criador deve saber aproveitar as fases de desenvolvimento de um filhote para apresentar e preparar o cão para a vida futura que o espera. Durante a avaliação do filhote, o cinotécnico irá verificar se o cão tem aspectos genéticos pronunciados e se o criador fez o seu papel nessa formação inicial.

#### 4. FASES DO DESENVOLVIMENTO CANINO

Inicialmente convém alertar que os períodos a seguir divididos não podem ser considerados absolutos, tendo em vista a pouca pesquisa científica catalogada neste sentido. Cada raça e cada indivíduo pode divergir, para mais ou para menos, assim como fêmeas podem divergir de machos. Entretanto, são delimitações que servem como parâmetro para auxiliar o cinotécnico na condução da criação e aproveitamento dos melhores momentos para construção de um cão de trabalho.

O período compreendido entre o nascimento e a terceira semana de vida é dedicado à sobrevivência, ao desenvolvimento do tato e olfato, abrindo os olhos no início da terceira semana. A partir de então, o filhote começa a receber as primeiras noções de certo e errado estampado pela mãe, delimitando o que ele pode ou não fazer. Conforme leciona o professor Cláudio Fudimoto:

“A estampagem (*ou imprinting*), comumente confundida com ambientação ou habituação, é o momento em que a mãe passa aos filhotes lições básicas de sobrevivência e comportamento canino.” (FUDIMOTO, 2021)

Entre a terceira e quinta semana, inicia-se o primeiro período de socialização, no qual o filhote passa a conhecer melhor os irmãos, os sinais delimitadores da mãe como rosar ou morder. Nesta fase os sentidos do olfato e visão estão funcionando em plenitude e tudo é interessante para o filhote, normalmente muito curioso. Este período de socialização se estenderá até a 12ª semana de vida e é importante a apresentação de outras espécies para o filhote nesta fase como gatos, patos, galinhas, cavalo, etc, de forma controlada para que não se crie nenhuma experiência negativa. Negligenciar esta fase poderá trazer comportamentos indesejáveis no futuro como medo ou aversão. Leciona Tiffani Howell:

“Um estudo conduzido por Appleby et al investigou se havia uma relação entre a exibição de agressividade e comportamento de evitação e experiências dos cães durante o primeiros 6 meses de sua vida. Seus resultados indicaram diferenças significativas na agressão contra pessoas

desconhecidas e comportamento de evitação entre cães que foram criados em canis, celeiros ou galpões, em comparação com um ambiente doméstico (ou seja, no casa do criador). Este resultado aponta para a importância do ambiente no processo de socialização. Criadores que criam uma ninhada de filhotes em um canil, celeiro ou galpão devem ser capazes de proporcionar socialização adequada aos filhotes.” (HOWELL, 2015)

Nesta fase já aconteceu o desmame, todavia a retirada dos filhotes precocemente do convívio com a mãe irá interromper ensinamentos importantes que só a mãe pode dar, quando o filhote é uma folha em branco na qual a mãe escreve as primeiras lições.

Com aproximadamente 50 dias (início da 8ª semana), o filhote já tem seu cérebro completamente formado fisiologicamente e já pode ser posto em testes. Nesta fase também, entre a 8ª a 9ª semanas, considera-se uma fase de prudência, na qual o filhote fica receoso facilmente e deve ser manipulado com muito cuidado a fim de evitar traumas indelévels. Fatalmente, ao adquirir um filhote de localidade distante que precise ser transportado sozinho por meio aéreo ou mesmo terrestre, nesta fase, o excesso de ruídos, desconforto e falta de amparo pode gerar medos que o acompanhará por toda vida, devendo então ser evitado tal transporte antes dos 70 dias de vida. A companhia da mãe neste período é crucial para fornecer segurança e confiança, e em sua presença deverá ser reforçada a socialização e ambientação, levando o cão a ambientes diversos, experimentando pisos, temperaturas, elevações, escadas, aglomeração e outros animais.

Aos 90 dias inicia-se o período juvenil, se estendendo até os 6 meses. Nesta fase, é provável que o filhote já esteja de posse do proprietário ou canil que o utilizará na função final. Igualmente provável que o filhote já tenha sido imunizado plenamente com os protocolos de vacina adequados, estando, portanto, livre para conhecer a maior variedade de ambientes, transportes, etc. Entre os 3 e 4 meses de vida, tem-se os chamados exercícios de ambientação e habituação, nos quais todos os desafios que serão encontrados pelo cão na fase adulta devem ser estampados no filhote e com isso ele encare com naturalidade quando chegar a hora.

Aos 4 meses o filhote inicia o desenvolvimento ósseo e a troca da dentição, estando com ela definitiva por volta dos 7 meses. O desenvolvimento comportamental tende a se estender um pouco mais, normalmente até os 9 meses. Durante este período, treinamentos de formação de mordida podem vir a ser desagradável ao filhote, tendo em vista a troca de dentição, o que pode ocasionar dor, experiências negativas ou mesmo a indução de uma mordida ineficiente. Portanto, tal atividade deve ser evitada.

Entre 9 meses e 1 ano, o filhote deverá experimentar o máximo de sensações, ambientes, sons e treinamentos. A partir de 1 ano, pode vir a surgir uma segunda fase de medo no filhote e o condutor deve ficar atento para esta ocorrência. Até 1 ano e meio de idade, o cão é considerado adolescente, iniciando a fase adulta a partir de então, quando começará a ter gradativamente comportamentos finais.

#### **4.1 DESENVOLVIMENTO MENTAL COMPLETO**

Via de regra, ao atingir a idade de 1 ano e meio o cão inicia sua caminhada na fase adulta. Alguns indivíduos, porém, podem alcançar tal maturidade de forma mais lenta, próximo dos 3 anos de vida. Tal conclusão sofre influência de vários fatores como raça, genética e sexo. Em analogia com a espécie humana, o homem não pode ser considerado completamente maduro ao atingir a maioridade, aos 18 anos de idade, sendo parte de um processo que leva anos ou, em alguns casos, décadas. Desta forma, em média entre os 2 e 4 anos o cão pode ser considerado completamente desenvolvido psicologicamente e possuir mentalidade de adulto, de forma evoluída. Conforme SCOTT (1965), observar o comportamento não é a única forma de inferir a função do sistema nervoso central. É possível fazer um exame microscópico do tecido cerebral. Fibras nervosas de animais jovens freqüentemente carecem da bainha de mielina, característica esta observada no cão adulto. Esta bainha é uma camada externa de material gorduroso associado à transmissão rápida de estímulos de forma que cães adultos transmitem estímulos nervosos de 50 a 100 vezes mais rápido do que cães jovens.

“Fatores genéticos diferenciam o comportamento de um indivíduo de outro. Em mamíferos sociais, existem diferenças básicas nas capacidades comportamentais entre homens e mulheres e entre adultos e jovens. Dentro de cada um desses principais tipos, os indivíduos podem ser afetados pela hereditariedade diferencial e assim mostrar diferentes tipos de comportamento.” (SCOTT, 1965)

O desenvolvimento mental de cada indivíduo vai depender de sua experiência de vida, padrão de raça e do desenvolvimento físico e sexual. O desenvolvimento sexual em fêmeas costuma ocorrer entre o 6º e 10º mês de idade, sendo para os machos por volta dos 6 meses de idade. Fisicamente um cão pode ser considerado adulto a partir dos 9 meses para raças mini/pequenas e variavelmente entre 12 e 18 meses para raças médias e grandes. Diante desse cenário mais uma vez se confirma que maturidade mental do cão é difícil definição, tendo em vista não se tratar de uma ciência exata, com inúmeras variáveis que poderão alterar o resultado. Os testes de reação emocional do pesquisador SCOTT (1965) trazem a conclusão de que as respostas emocionais características das diferentes raças continuam a mudar e se desenvolvem ao longo do primeiro ano de vida, considerado de juventude, de modo que diferenças no teste de reatividade estiveram presentes e foi altamente significativas estatisticamente em todas as idades avaliadas, acentuando diferenças emocionais e respostas alternativas distintas, como passividade, tentativas de fuga ou coragem. Tudo isso apoia fortemente a conclusão de que a hereditariedade e genética afeta muito a expressão do comportamento.

Conforme RAISER (1981), no treinamento de guarda e proteção, durante o estímulo do impulso de agressão, o figurante deve sempre agir com um misto de ameaça e medo, de forma a despertar no cão o comportamento de defesa inicialmente, com cuidado para não acovardá-lo.

“Os fatores que decidem qual dos dois comportamentos dominará o cão são a confiança e o temperamento tanto do ameaçador quanto do ameaçado. Ambos dependem de um grande número de fatores, em grande parte da



idade do animal, visto que muitos comportamentos instintivos não amadurecem completamente até que ele tenha um, dois ou às vezes três anos de idade. Por exemplo, impulso de defesa, disposição para atacar, o aponte para cães de caça, o instinto de guarda e o instinto de proteção. Influências ambientais também impressionam o cão, assim como experiências de vida.” (RAISER, 1981)

Com isso, o treinamento de proteção com estímulo do impulso de agressão propriamente dito deve ser iniciado após a observação do alcance da plenitude psicológica em cada indivíduo, normalmente ocorrido próximo do 3º ano de vida, podendo, naturalmente, variar para menos ou para mais, conforme o perfil do cão específico.

## **5. AMBIENTAÇÃO E HABITUAÇÃO**

Um cão de função, no caso em estudo, para guarda e proteção, deve ser preparado desde as fases iniciais da vida visando sua completa aptidão. Para tanto, não só o trabalho de mordida é importante, mas a naturalidade com que enfrenta cenários, ambientes e situações é de suma importância para o alcance da excelência. De nada adianta um cão com boa mordida se ele se sente inseguro em piso escorregadio: fatalmente irá refugar.

Inicialmente devem-se diferenciar os dois termos. Por ambientação, entende-se a tarefa de naturalizar o cão para atuar com segurança nos mais diversos cenários como piso escorregadio, atravessar curso d'água, ambientes elevados, escadas, dentro de ônibus, aeronaves, piso em falso, caminhões, etc. Para tanto, a criatividade do treinador deve prever todo e qualquer cenário que o cão venha a enfrentar na fase de trabalho.

Habituação, por outro lado, refere-se à acostumação do cão às situações específicas e/ou sons. Um cão de trabalho deve sentir-se à vontade em locais com aglomeração de pessoas, crianças correndo, veículos barulhentos como

helicópteros, caminhões, ônibus, estampidos de tiro e granada, trovões e fogos de artifício. Determinadas situações podem requerer tanto ambientação quanto habituação. Por exemplo, se o cão for de instituição policial e futuramente necessitar ser transportado em aeronave de asa rotativa, este cenário precisará ser ambientado (embarcar, se locomover e desembarcar da aeronave de forma tranquila) e habituado (não se assustar ou incomodar com o barulho excessivo e vento produzido).

O trabalho de ambientação e habituação deve ser feito gradativamente, de forma a evitar traumas e respeitando os limites e as fases de desenvolvimento do filhote/juvenil. Equipamentos de proteção auditivos podem ser utilizados para evitar danos à saúde auditiva durante os treinamentos e operações.

## **6. IMPULSOS ENVOLVIDOS**

### **6.1 IMPULSO DE CAÇA**

O impulso de caça ou *hunting* consiste no interesse do cão na atividade predatória, ou seja, perseguir e capturar uma presa. Está diretamente ligado à sobrevivência, considerando que na origem desta espécie, o animal que não caça, não come, e por conseguinte morre por inanição. Todavia, com a domesticação do cão, alguns instintos foram sendo diminuídos naturalmente, à medida que passou a ser alimentado pelo homem.

A importância do impulso de caça para o cão de guarda e proteção está tanto na formação da mordida, na qual são apresentados materiais mordentes ao cão, estimulando a caçá-los, capturá-los e subjugar-los, bem como na perseguição ao figurante/ameaça. Desta forma, um cão de guarda e proteção deve ter prazer em perseguir e preda sua caça, que ao final do treinamento será um meliante.

## 6.2 IMPULSO DE DEFESA

Também ligado ao instinto de sobrevivência, o impulso de defesa consiste na auto defesa contra ameaças. É uma resposta a situações de risco.

Etologicamente, quando o lobo nota a presença de um intruso no território da matilha, ele imediatamente inicia manobras no sentido de expulsar. Os cães podem morder por agressividade ou insegurança. Por insegurança do cão, ele primeiramente se ouriça para parecer maior e ajudar a amedrontar a ameaça, na tentativa de evitar o contato. Nesta mordida, tem-se velocidade e quantidade, porém pouca qualidade da mordida, pois visa apenas afugentar a ameaça.

Segundo RAISER (1981), cientistas comportamentais determinaram que o desejo de um animal de proteger o seu território diminui do centro em direção aos limites externos, ou seja, o foco sempre estará no núcleo do seu território. No centro, o impulso de defesa é tão grande, que um cão se manterá firme mesmo contra ataques muito fortes. É de fácil observação que cães de nervos fracos quando se sentem ameaçados em casa pela menor provocação, apresentam comportamento agressivo, vindo a ser um bom cão de alerta. Todavia, estes mesmos cães demonstram comportamento de esquiva, ansiedade e medo quando provocados em um ambiente estranho.

## 6.3 IMPULSO DE AGRESSÃO

O impulso de agressão, por sua vez, refere-se à intenção de subjugar o oponente, situação de enfrentamento e vontade de agredir. Conforme a etologia, um lobo desafia o outro pela liderança do grupo e o agride até que demonstre submissão, sendo o vencedor, a partir de então, o líder da alcatéia. Trazendo para o cão doméstico, neste impulso não existe insegurança, o animal avança sem medo e com nítida intenção de machucar e se necessário eliminar o alvo. Nesta mordida, teremos pressão de boca e uso de dentes molares. Conforme RAISER (1981), o impulso de agressão é inato e pode ser alterado através dos

processos de aprendizagem, portanto, seu desenvolvimento pode ser potenciado ou atrofiado.

Para um resultado de excelência no trabalho de guarda e proteção os impulsos envolvidos no treinamento devem estar equilibrados no cão. Não se quer caça alta e agressão baixa, nem tampouco agressão alta e caça baixa. Tais condições conduzirão em mordidas espalhadas sem pressão de captura, objetivando o alvo se mexer (caça aguçada) ou retalhamento em diversas partes do corpo do alvo (agressão alta). Desta feita, leciona o treinador Fernando Soares:

Para se alcançar uma mordida eficiente, com qualidade no encaixe da boca e pressão suficiente para subjugar o oponente, deve-se buscar a Homeostase de Impulsos (ou HDI), que nada mais é que o perfeito equilíbrio entre os impulsos de caça e agressão. (SOARES, 2020. Informação verbal)

#### **6.4 IMPULSO DE LUTA**

Os estudos divergem quanto à existência do impulso de luta como sendo autônomo. Para parte dos pesquisadores, o impulso de luta nada mais é que uma vertente do impulso de brincadeira (ou *play drive*). Independente disso, o cão de guarda e proteção deve sentir prazer na briga com seu oponente, executando suas manobras de ataque e submissão desprendido de estresse.

“Caçar uma presa é um ato instintivo e apaixonado que não ameaça a própria existência do cão e, conseqüentemente, não o estressa de uma forma que poderia desencadear um comportamento de evitação. No entanto, o impulso de agressão sozinho não é igual ao impulso de luta. O componente fundamental do impulso de luta é a agressividade social, que é a parte ativa do impulso de agressão. Portanto, o cão deve sempre ver o figurante como um rival. O objeto da competição pode variar: pode ser a presa, provavelmente por isso que cães com forte impulso de luta têm um impulso de caça pronunciado; ou pode haver uma motivação social - ou seja, o cão é do tipo dominador que tem o desejo de subjugar o ajudante

que continua aparecendo para o cão como um combatente.” (RAISER, 1981)

## **7. BASES PARA O TRABALHO DE MORDIDA**

Partindo para o treinamento propriamente dito, inicialmente deve-se ensinar o cão a morder com eficiência, aprender a usar a boca para capturar e subjugar o inimigo. Para isso, será despertado e potenciado o impulso de caça. Este treinamento deve ser realizado desde a infância do cão, respeitado o período de troca de dentição e desenvolvimento ósseo a fim de evitar sensações de dor e desprazer ao morder, que será associado futuramente a um fator negativo. A mordida com dor na boca do cão será certamente ineficiente e um treinador inexperiente pode acabar estimulando tal comportamento na fase adulta.

“A promoção da movimentação de caça deve ser iniciada com o cão de três meses. O objetivo deve ser que o cão veja o mordente como sua presa e se tiver a chance de fazer uma presa, ele tentará puxá-la para si mordendo vigorosamente. O impulso da presa está sujeito à exaustão específica por estímulo e ação e, conseqüentemente, não deve ser trabalhado com muita frequência. Uma vez por semana é suficiente para um cão jovem.” (RAISER, 1981)

O sentido que desperta a caça no animal é a visão, portanto, inicialmente o figurante munido de um objeto para mordida compatível com a idade do filhote o estimulará, dando vida ao objeto e gerando interesse na perseguição e captura do objeto. Inicialmente, ao primeiro sinal de interesse e captura, o filhote ganhará a caça e após sucessivas repetições, gradativamente irá aumentando o nível de dificuldade para sua captura.

O treinamento seguirá variando posições como o objeto é apresentado para o filhote para captura (em cima, em baixo, de um lado ou do outro) e também pela densidade e tamanho do mordente, gradativamente sendo dificultado, respeitando sempre os limites e idade do cão. No início o figurante sempre se moverá fugindo do cão ou em diagonal, posteriormente o figurante então

passa a entregar o mordente vindo de encontro ao cão, para que ele se habitue à caça vindo em sua direção e desperte o espírito combativo. Em outra fase, o figurante começa a se distanciar do cão, fazendo com que o cão se desloque até ele para capturar o mordente, construindo com isso autonomia para o cão trabalhar distante de seu condutor/proprietário.

Toda mordida imperfeita deverá ser corrigida, afinal, esta fase busca exatamente ensinar a qualidade de mordida, ainda que com aspecto de brincadeira/caça (*play drive*). Se o cão morder em ponta de dentes, apenas com caninos ou dentes frontais, o figurante deve se certificar que ele perca a caça, fazendo com que na remordida haja a boca cheia e só então ele ganhe a caça. Outro fator que deve ser treinado é a “caça morta”. Quando uma caça se submete ou para de oferecer resistência, seja por submissão total ou morte, o predador tende a soltar para que então possa dilacerar e se alimentar. No treinamento de mordida, o figurante deverá fazer pequenos intervalos de “caça morta”, seguidos de movimentos de onda lateral, para que o cão associe que mesmo que o oponente pare de resistir, ele deverá manter a mordida, soltando apenas quando ordenado pelo condutor. Os lapsos de “caça morta” serão aumentados aos poucos.

O resultado final deste treinamento deverá ser o cão se deslocando autônomo e confiante por longas distâncias para capturar sua caça (figurante), que deverá apresentar os mais variados equipamentos de mordida, como mangas de proteção, bite pillow ou bite suit (traje de mordida). Ressalta-se que o cão vê o equipamento de mordida, pois até o presente momento está apenas em exercício de caça.

## **8. O FIGURANTE**

O figurante é o componente mais importante no treinamento de guarda e proteção. Ele é responsável por despertar os impulsos envolvidos no aprendizado, criar coragem e dar confiança para o cão. Portanto, é de extrema importância que o figurante seja profissional, dotado de conhecimento técnico e experiência para que os resultados sejam favoráveis.

O uso de equipamentos adequados também é fator preponderante para formação do cão de guarda e proteção, tendo em vista que o uso precoce de equipamentos mais avançados certamente formará um cão com mordida ineficiente ou mesmo retire o interesse do cão na função.

Conforme Soares (2020), no trabalho de caça há duas subdivisões. São elas o “Fair Play”, no qual o cão está em total superioridade, sendo desleal para a caça e sem risco para o cão/lobo. Ex.: Caça a uma lebre. E o “Prey Hunting”, no qual a atividade de caça envolve um risco elevado para o cão (equivalência de poder). Ex.: cão/lobo caçando um javali. O figurante deverá inicialmente se assemelhar ao primeiro modo, para criar interesse, e, gradativamente, passar para o segundo modo, para desenvolver coragem, persistência, espírito de luta e para saber ser golpeado enquanto mantém uma mordida no equipamento. Nesta fase tem-se boca cheia e pressão de mordida, pois ele entenderá que um erro ou fraqueza na mordida poderá custar-lhe a vida.

As sensibilidades do cão deverão ser trabalhadas pelo figurante sempre com o animal mordendo. Aquele cão que tem sensibilidade a estampido de tiro, deverá ser habituado durante a atividade prazerosa (mordida). Da mesma forma tocar as pernas, abdômen, cair e rolar no chão, etc. Todas essas situações deverão ser habituadas no cão de forma a tornar-se algo que faz parte da brincadeira.

Diversos cursos de formação de figurantes estão disponíveis no país e aquele que pretenda exercer tal atividade deverá procurar conhecimento técnico, pois da mesma forma que um figurante pode transformar um cão em um guardião, ele poderá acovardar um cão com potencial.

## **9. PROTEÇÃO PROPRIAMENTE DITA: AGRESSÃO**

Para se alcançar a excelência no trabalho de proteção, o cão deve estar atuando com equilíbrio de impulsos, caça e agressão. Como já mencionado,

em regra, um cão atinge o desenvolvimento mental completo por volta dos 3 anos de idade. Isso significa que qualquer treinamento voltado para o impulso de agressão antes dessa idade poderá na verdade estar sendo trabalhado pelo impulso de defesa, que, conforme dito anteriormente, traz uma mordida indesejável, instável e picotada, objetivando apenas afugentar uma ameaça e não matá-la.

Ocorre que por diversos fatores, comumente condutores e proprietários tem pressa no treinamento do cão, seja por ansiedade, seja por pressão superior cobrando por resultado (para profissionais de segurança pública e defesa) ou mesmo por falta de conhecimento.

O figurante ao despertar a agressão no cão, caso este esteja passando pela primeira ou segunda fase do medo, poderá causar resultado absolutamente inverso ao pretendido. Além disso, um cão adolescente jamais terá a agressividade de um cão adulto, sendo condicionado a partir daí a um resultado aquém do que poderia apresentar se treinado na idade correta. Para se alcançar a homeostase dos impulsos, é necessário que o cão esteja apto psicologicamente a extrair sua máxima agressão, buscando equilíbrio com o impulso de caça e isso só ocorrerá ao atingir a plena mentalidade de adulto.

Durante o treinamento, o figurante deverá procurar identificar o limiar de cada cão, definido como o espaço e incômodo mínimo para uma reação do animal, partindo sempre do menos para o mais. Com movimentos e intenções ameaçadoras, o figurante irá chamar atenção do cão incentivando-o a reagir, momento no qual o figurante foge. Quando um perdedor foge, garante ao vencedor autoridade, vitória e segurança, logo, o figurante deve sempre fugir para dar essa sensação ao cão. Voltando para a etologia, olho no olho, encarar, significa desafiar. Na natureza o lobo desafiante testa o líder da matilha antes de entrar no seu território, à distância, com movimentos sutis ameaçadores. O figurante deverá exercer movimento irregular de desafio com gesto de agressão, seguido de insegurança, como aquele que quer desafiar, mas está com medo. Isso irá acionar um alarme na mente do cão.



Nesta fase, o figurante não portará nenhum equipamento de mordida, para que o cão não associe e ative o impulso de caça. Aqui, busca-se a agressão, a construção de um guardião propriamente dito. Com o passar das fases de treinamento, o figurante irá se aproximando do cão e oferecendo cada vez mais risco, sempre obedecendo seu limiar. Poderá também fazer uso de bastões, chicotes de estalo e etc para criar intensidade. A perseguição durante a fuga do figurante garante a sensação de vitória.

Ressalte-se que tudo que o figurante fizer durante sua fuga, será pareado no cão como incentivo a sua vitória, traduzido em submissão do figurante e segurança do cão. Portanto, no início, a estalada de chicote durante a fuga do figurante fará com que futuramente este som durante o enfrentamento seja um gatilho para o crescimento da sensação de vitória do cão e partir de então o estampido poderá ocorrer antes ou durante a mordida sem causar qualquer refugo. O mesmo se aplica para estampidos de tiro ou granadas de uso policial.

Outro artifício utilizado no despertar da agressão é a chamada transferência de causa. Durante situações de embate, com o cão concentrado na ameaça, o que o condutor fizer será entendido pelo cão como sido feito pelo seu oponente. Por isso, se quer aumentar a agressividade, pode-se usar um colar de grampo de maneira aversiva durante o exercício, assim o cão entenderá ter sido incomodado pelo figurante (uso na base do pescoço para não exercer punição positiva). Isso fará aumentar a agressão contra seu oponente, momento que o figurante aproveita para marcar o comportamento com a fuga.

Após alcançar níveis de agressão desejáveis, deverá então unir os dois impulsos (caça e agressão), que será quando o figurante irá desafiar o cão e permitir a mordida com equipamentos adequados. Aqui o cão já saberá morder com eficiência e terá vontade de eliminar seu oponente, fechando com isso o ciclo do treinamento de proteção. Após isso, as lapidações de obediência após a mordida, com comando de “larga” e “fica” são importantes para a excelência da atividade. Nesta fase, o figurante poderá usar equipamentos de mordida ocultos sob as vestes e focinheiras de combate, pois o cão terá intenção de morder mesmo sem ver tais mordentes.

## 10. CÃO MANGUEIRO

Alguns cães são tão estimulados e potenciados no impulso de caça que mesmo após despertar da agressão permanecem com a atenção voltada para o equipamento de mordida, normalmente uma manga de proteção, por isso o termo conhecido no mundo cinotécnico como “mangueiro”. Numa situação real essa característica poderá ser usada por um criminoso para distrair o cão enquanto ele pratica o ato de agressão contra o condutor. Tal comportamento é indesejável e pode ser corrigido aumentando a agressão ou a ameaça enquanto ele se distrai com o equipamento, fazendo com que reaja.

Um exercício eficiente para correção desta característica se dá após a entrega do mordente pelo figurante. O condutor deverá conter o cão na guia bem curta junto a sua perna impedindo qualquer possibilidade de movimento, enquanto o figurante imediatamente se posiciona na diagonal traseira do cão em gesto de ameaça. Em face da sensação de perigo o cão certamente irá largar o mordente, momento em que o figurante foge e imediatamente o condutor corre atrás incentivando uma perseguição. Convém salientar que a demora do condutor em perseguir o figurante fará o cão recapturar o mordente, fato indesejado que irá reforçar o comportamento que se busca modificar.

## 11. CONCLUSÃO

Nota-se com a presente pesquisa que o alcance de um bom cão de guarda será sempre resultado de uma amplitude de fatores. A escolha de uma raça com perfil para esta função é o ponto de partida. Definida a raça, bons criadores devem ser visitados e consultados em busca de um exemplar com conhecida genealogia, selecionando as características ideais para o trabalho de proteção e adequado ao nível de conhecimento do proprietário.

Respeitados todos os períodos de desenvolvimento do filhote, o trabalho de base para a mordida poderá ser iniciado muito cedo, antes e depois do período de troca de dentição, estimulando o impulso de caça e captura de presa. Ao final da adolescência, o filhote deve ter capacidade de efetuar uma mordida com qualidade e pressão suficiente para subjugar um oponente tão forte quanto ele. A partir de então, por volta dos 3 anos de vida, ao atingir a completa maturidade psicológica/mental, um profissional de figuração com conhecimento técnico deverá iniciar o despertar do impulso de agressão, em apartado do treinamento de caça. Com a mentalidade de um cão adulto e com qualidade genética para a função determinada, o cão irá aprender gradativamente a impor sua característica de cão de guarda, até a completa inibição e perseguição do figurante.

Após atingir um equilíbrio entre impulso de caça e de agressão, treinador e figurante mesclarão o treinamento aliando os dois aspectos em um só exercício, cujo objetivo será uma mordida de excelência, com gana, ferocidade e vontade de agredir seu oponente. A agressão jamais poderá ser inferior à caça, sob pena de construção de um cão conhecido como “mangueiro”, fator indesejável na função real de proteção, intervenção tática e/ou patrulhamento, mas muito observado em cães mal treinados ou, por outro lado, em alguns cães de esporte, cujo objetivo é apenas demonstrar a qualidade genética de exemplares.

## REFERÊNCIAS

ENGEL, J. R. The Police Dog: Evolution, History and Service. [S. l.: s.n.], 2018.

FUDIMOTO, Cláudio. Cinologia e introdução ao adestramento policial. Estágio prático do curso de Pós-graduação Especialização em Cinotecnia Policial. Faculdades IPEP/UNICESDH. Mairiporã – SP, 2021.

GEIGER, M. (et al), 'Unaltered Sequence of Dental, Skeletal, and Sexual Maturity in Domestic Dogs Compared to the Wolf', Zoological Letters. Zurich, 2016.

GRANDJEAN, Dominique. Enciclopédia do Cão Royal Canin. Aniwa, 2001.

HOROWITZ, Alexandra. A cabeça do cachorro. 3ª edição. Best Seller. Tradução Lourdes Sette. Rio de Janeiro, 2012.

HOWELL, T. (et al), 'Puppy Parties and Beyond: The Role of Early Age Socialization Practices on Adult Dog Behavior', Veterinary Medicine: Research and Reports. School of Psychology and Public Health, La Trobe University, Bendigo, Australia, 2015.

LEANZA, Eduardo C. Técnicas de seleção de filhotes. Curso de Pós Graduação em Cinotecnia Policial, Módulo 7. Faculdades Integradas IPEP. Centro de Estudo em Segurança Pública e Direitos Humanos, 2021.

LOPES, Maria Luana Soares. Seleção e adestramento de cães policiais. Trabalho de Conclusão de Curso (Zootecnia) — Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns, 2019.

MACEDO, Max. A triste formação de duas raças. 2015. Disponível em <https://cinotecniamilitar.files.wordpress.com/2015/04/a-triste-formac3a7c3a3o-de-duas-rac3a7as.pdf>.

RAISER, Helmut. Der Schutzhund – The Protection Dog. Armin Winkler Publishing. Berlin, Alemanha, 1981.

SCINTEIE, Viorel. Seminário de Adestramento para IGP e formação de figurantes. Campinas – SP, 2019.

SCOTT, John Paul. FULLER, John L. Genetics and the social behavior of the dog. The University of Chicago, 1965.

SOARES, Fernando. Curso Avançado de Adestramento. Canil Guarda e Proteção. Itajaí – SC, 2020.

SOARES, Otavio Augusto Brioschi. Métodos de avaliação e seleção de cães para o emprego em atividades do Exército Brasileiro. Trabalho de Conclusão de Curso (Aperfeiçoamento em Conhecimentos Militares) — Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2015.

## **FONTES**

AMÉRICA LATINA KENNEL CLUBE – ALKC. Disponível em <https://www.alkc.org.br/racas>. Acesso em 15 de novembro de 2021.

AMERICAN DUTCH SHEPHERD ASSOCIATION INC. Disponível em <https://www.americandutchshepherdassoc.org/socialization-and-training.html>. Acesso em 17 de novembro de 2021.

AMERICAN KENNEL CLUB – AKC. Dutch Shepherd. Disponível em <http://www.akc.org/dog-breeds/dutch-shepherd/detail/#4>. Acesso em 17 de novembro de 2021.

HILLSPET DOG CARE. When Does My Puppy Become an Adult Dog? artigo disponível em <https://www.hillspet.com/dog-care/behavior-appearance/when-does-a-puppy-become-a-dog>. Acesso em 18 de novembro de 2021.

THE HAPPY PUPPY. At What Age Is A Dog Considered An Adult? artigo disponível em <https://thehappypuppsite.com/at-what-age-is-a-dog-considered-an-adult>. Acesso em 22 de novembro de 2021.